



# Migração e refúgio no Egito segundo a Bíblia

*Migration and refuge in Egypt according to the Bible*

Rita Maria Gomes<sup>[a]</sup> 

Recife, PE, Brasil

<sup>[a]</sup> Universidade Católica de Pernambuco

**Como citar:** GOMES, Rita Maria. Migração e refúgio no Egito segundo a Bíblia. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 03, p. 479-491, set./dez. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.003.AO01>.

## Resumo

O fenômeno da migração e do deslocamento em busca de refúgio é tão antigo quanto o estabelecimento de pessoas em Estados. Os Estados e a Igreja enfrentam os desafios postos pela migração. Não sem razão, a Igreja Católica Romana dedica um dia ao migrante e ao refugiado. Mas esse olhar para o deslocamento populacional tem precedentes de longa data. A Sagrada Escritura atesta vários casos de deslocamentos de pessoas, sobretudo, no Antigo Testamento. Este artigo tem por finalidade entender como esse fenômeno aparece na Bíblia. Para tanto, faz-se uma análise bibliográfica, de modo especial a análise dos textos bíblicos que testemunham a migração e o refúgio. Neste artigo, segue-se os seguintes passos: análise do vocabulário e campo semântico da migração na Escritura; análise de textos selecionados referentes à migração e, na sequência, os relacionados ao refúgio e, por fim, uma reflexão de cunho mais teológico sobre os lugares de partida e de chegada dos migrantes e refugiados.

**Palavras-chave:** Antigo Testamento. Fome-Guerra. Egito-Canaã. Novo Testamento. Egito-Jerusalém.

<sup>[a]</sup> Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, e-mail: rita.gomes@unicap.br

## **Abstract**

*The phenomenon of migration and displacement in search of refuge is as old as the establishment of people in States. States, as well as the Church, face the challenges posed by migration. It is not without reason that the Roman Catholic Church dedicates a day to migrants and refugees. However, this view of population displacement has long-standing precedents. Sacred Scripture attests to several cases of displacement of people, especially in the Old Testament. This article aims to understand how this phenomenon appears in the Bible. To this end, a bibliographical analysis is carried out, especially the analysis of biblical texts that bear witness to migration and refuge. This article follows the following steps: analysis of the vocabulary and semantic field of migration in Scripture; analysis of selected texts referring to migration and, subsequently, those related to refuge; and, finally, a more theological reflection on the places of departure and arrival of migrants and refugees.*

**Keywords:** *Old Testament. Famine-War. Egypt-Canaan. New Testament. Egypt-Jerusalem.*

---

## Introdução

Para começar a reflexão é necessário partir de uma questão básica: por que há migração? Por que as pessoas mudam de um lugar a outro? O que faz as pessoas deixarem o ambiente que as formou e que as fez o que são? Migrar é desenraizar-se, é desconectar-se de seu mundo e, portanto, há uma razão, uma motivação forte para que uma pessoa deixe o lugar de sua segurança existencial para enfrentar uma realidade desconhecida, muitas vezes hostil.

Os deslocamentos populacionais têm razões diversas e, dependendo dessas motivações, teremos um fenômeno distinto. Aqueles que se deslocam em busca de melhores condições de vida são identificados como migrantes. Os que se deslocam visando a garantia de sua integridade física são identificados como refugiados (Houaiss et al., 2004).

A Igreja Católica há muito tempo é sensível à causa dos migrantes e refugiados, tanto que começou a celebrar oficialmente o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado em 21 de fevereiro de 1915, por iniciativa da Sagrada Congregação Consistorial. Vários são os documentos da Igreja Católica que tratam do tema direta ou indiretamente. Um estudo intitulado *A pastoral das migrações* recolhe as principais referências em documentos pontifícios sobre o tema (CNBB, 1983).

Esse tema continua sendo pertinente, arrisca-se afirmar que é cada dia mais. Para uma reflexão sobre esse complexo fenômeno, faz-se aqui o recorte bíblico buscando iluminação na Sagrada Escritura. Para isso, toma-se como base o texto grego do Antigo Testamento e o texto grego do Novo Testamento. A escolha desse texto se justifica pelo fato de a LXX não ser uma simples tradução do hebraico ao grego, mas constituir uma versão do Antigo Testamento. Com essa escolha, procura-se garantir a abrangência do material para o estudo, já que havia o risco de deixar de fora algum texto importante para a releitura neotestamentária do tema aqui proposto.

No texto grego veterotestamentário, o principal termo para dizer a experiência de migração é παροικέω (Septuaginta, 2006), embora não seja o único. No entanto, nem sempre os tradutores se mantiveram fiéis ao sentido do termo, nem no grego nem no hebraico. Tanto παροικέω quanto γαγ tem o mesmo significado, ambos verbos designam a permanência temporária em relação à residência permanente, daí a noção de “estrangeiro”. Pela noção de permanência temporária, o termo foi compreendido também como “ato de peregrinar”.

Um bom exemplo da dificuldade em perceber o tema da migração na Escritura é a escolha de “peregrinação” para traduzir os termos hebraico e grego γαγ e παροικέω. No texto de Gn 37,1, só a tradução da CNBB traduziu παροικέω como migrante (Bíblia Sagrada, 2002, Gn 37,1, p. 48). Ali, referindo-se a Jacó, o texto traz a informação de que a terra de Canaã tinha sido a moradia de seu pai Isaac, mas que ele teria morado ali como “migrante”, estrangeiro. O que impressiona é o fato de que esse é um dos principais sentidos do termo, pois em várias passagens da Escritura o verbo e o substantivo derivado dele trazem esse sentido [cf. Gn 20,1; 21,34; 35,27; 37,1; Dt 26,5; Sl 93,17; 104,23; 119,6].

Neste estudo segue-se os seguintes passos: análise do vocabulário e campo semântico da migração; análise dos textos narrativos referentes à migração e, na sequência, os relacionados ao refúgio e, por fim, uma reflexão de cunho mais teológico sobre os lugares de partida e de chegada dos migrantes e refugiados nos textos considerados.

## Vocabulário e campo semântico da migração na Escritura

Para que se entenda a dinâmica do tema em questão é necessária atenção para perceber o vocabulário utilizado nas narrativas e a importância dos lugares de partida e chegada daqueles que se deslocam. Os verbos listados adiante vão ter uma relação direta com a indicação do lugar aonde as pessoas se dirigem. Neste estudo, esses lugares são basicamente Egito e Canaã ou Jerusalém e seus correlatos. Além dos lugares de partida e chegada, faz-se necessário também entender a dinâmica do povo de Deus desde suas origens e, por isso, inicia-se o percurso com Abraão.

Em consequência, o primeiro termo a considerar aqui é o verbo καταβαίνω, que é um verbo composto formado pela preposição κατά + βαίνω. O verbo βαίνω significa “ir, andar, caminhar” e a preposição κατά tem inúmeros significados dependendo do caso. Aqui tem o sentido básico de ponto de partida de um lugar alto. Portanto, o verbo formado por essa junção tem o sentido de “descer”. Esse verbo muda a direção dependendo da preposição que o forma, ele também aparece com a preposição άνά e terá o sentido oposto de “subir” (Pereira, 1990, p. 100).

Outro vocábulo importante nesta reflexão é o verbo κατάγω que também é composto pela preposição κατά mais o verbo άγω, que pode ser traduzido por “levar, conduzir, guiar, arrastar, mandar, empurrar”. O verbo composto pode significar “levar de cima para baixo, fazer descer, lançar o pé em terra para residir ou permanecer” (Pereira, 1990, p. 300). Com isso, já se vislumbra uma proximidade entre esses dois verbos e isso se tornará mais claro quando se encontram dentro das narrativas bíblicas.

O terceiro termo a considerar é também um verbo: εισέρχομαι que é composto pela preposição εἰς mais o verbo έρχομαι significa chegar, “ir” e “vir”. O verbo formado com essa preposição tem o sentido de “entrar” (Malzoni, 2021, p. 86). Esse verbo assume outros sentidos dependendo da preposição que se une a ele. Nos textos analisados o verbo εισέρχομαι está acompanhado da preposição εἰς que tem o sentido básico de movimento para dentro de algo ou algum lugar. Há, nesses casos, uma dupla presença da preposição a reforçar a entrada (Rusconi, 2003, p. 152;199).

O quarto termo a verificar é o já apontado na introdução deste artigo, o παροικέω. Ele também é um verbo composto, agora é com a preposição παρά, que significa “em casa de, entre”, mais o verbo οικέω, que significa “morar, habitar” (Pereira, 1990, p. 440). Na formação desse verbo fica a noção de morar em meio ou entre um grupo de pessoas sem pertencer realmente a ele. Daí a noção de migrante. Esse verbo constitui um termo técnico na LXX para designar aos estrangeiros que residiam em Israel e aos israelitas que residiam no estrangeiro. Esse termo é distinto do παρεπίδημος que é utilizado para se referir ao transeunte, ao que está de passagem em um país que não o seu (Balz; Schneider, 1998, col. 793).

O quinto termo é o substantivo derivado do verbo παροικέω, ou seja, o παροικήσις mais utilizado na Escritura na forma genitiva παροικήσεως que é traduzido por “migrante” ou “estrangeiro”. Há ainda o adjetivo πάροικος que significa estrangeiro. Enfim, os termos mais usados para indicar a situação do migrante ou estrangeiro são esse verbo e os termos derivados dele.

Além dos termos indicados, há ainda o adjetivo άλλότριος que aparece 178 vezes (BibleWorks, 2006) na Escritura e é derivado do verbo άλλοτριώ (Pereira, 1990, p. 27). Esse verbo e seus derivados parecem ter relação com o vocábulo άλλος que no neutro porta o sentido de “outro distinto”, por vezes incluindo a acepção de exclusão (Balz; Schneider, 1996, col. 189). Portanto, o termo, tal como aparece na história de José, tem caráter levemente negativo, já que muitas vezes faz referência a outros deuses e a povos não próximos a Israel. Boa parte das atestações desse termo é traduzida à língua portuguesa por

“estranho”. O uso desse termo é bem diverso e só se considera aqui porque aparece na história de José e de sua família em sua migração para o Egito.

É necessário ainda apontar o verbo φεύγω (Pereira, 1990, p. 609) que significa “fugir” e aparece 279 vezes em 43 formas diferentes em toda a Escritura (BibleWorks, 2006). Esse verbo foi o preferido para indicar as fugas em perigo de morte. Raras vezes é traduzido de modo distinto não apresentando claramente a ideia de fuga. Esse foi o termo preferido pelo evangelista Mateus, como será possível ver mais adiante.

Com o mesmo sentido, encontra-se em 1Rs o verbo ἀποδιδράσκω (Pereira, 1990, p. 69), que aparece 37 vezes no texto grego da LXX (BibleWorks, 2006), é utilizado em dois casos de fuga para o Egito e guarda o sentido de “fugir secretamente”.

## Casos de migração na Sagrada Escritura

A história de Abraão começa antes do capítulo 12 de Gênesis, embora ali inicie oficialmente o relato de sua história. A história de Abraão começa mesmo em Gn 11,27 com a indicação “Eis a descendência de Taré”, que era o pai de Abraão (Skolnik; Berenbaum, 2007, p. 281). Em Gn 11,31 o texto informa que Taré fez Abraão, com sua mulher e seu sobrinho Ló, sair de Ur na Caldeia para ir a Canaã, mas que, ao chegarem a Harã, ali se estabeleceram. Em 12,1 o texto informa que o Senhor disse a Abraão: “sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei”. Só em 12,5 o leitor fica sabendo que essa terra é Canaã. O texto bíblico não entra em detalhes sobre a estadia de Abraão na nova terra e já informa, em 12,10, a sua saída de Canaã. Temos aqui o recurso linguístico da elipse “que passa em silêncio um período da história contada” (Marguerat; Bourquin, 2000, p. 146).

Por causa de uma intempérie da natureza ele desce ao Egito [καὶ κατέβη εἰς Αἴγυπτον]. Ele vai viver no Egito como estrangeiro porque uma fome assolava a terra. Essa estadia como migrante no Egito também não é contada em detalhes. Aliás, a única história narrada ali é a da estratégia de sobrevivência de Abraão que faz sua mulher dizer que é sua irmã para salvar a própria vida e ser bem tratado pelos egípcios. Esse relato tem uma espécie de repetição com algumas diferenças como lugar e seu governante e o fato de que Sara não chega a ter relações com o rei local (Skolnik; Berenbaum, 2007, p. 281). Pois bem, segundo o relato de Gn 12, ocorre o que Abraão previra e ele ganha rebanhos de ovelhas, bois, jumentos(as), camelos e escravos (as).

Uma vez que o faraó é ferido por pragas e descobre que ela era mulher de Abraão e não sua irmã, ele expulsa Abraão e o seus do Egito com tudo que ele adquiriu ali. O texto nada fala sobre a violência sofrida por Sara, utilizada por seu marido nessa artimanha, e pelo faraó. Também passa em silêncio a violência “psicológica” sofrida por esse marido que cede sua esposa aos homens do lugar para sobreviver.

A narração é dinâmica e, de modo muito rápido, já diz em 13,1 que Abraão, deixando o Egito com sua mulher Sara e seu sobrinho Ló, subiu para o Negueb e de lá para Betel, o mesmo lugar que tinha estado na sua primeira chegada a Canaã. Em 13,2 o texto ressalta que Abraão era muito rico em rebanhos, em prata e em ouro, confirmando a expectativa de Abraão em sua chegada ao Egito.

Importa ressaltar que, até esse momento Abraão, ainda chamado Abrão, viveu nessas terras como estrangeiro, ou seja, como migrante. Em Gn 15,9-21, narra-se a aliança firmada entre o Senhor e Abraão com a promessa de que aquela terra seria dele e de sua descendência. Essa aliança é firmada mediante o ritual comum aos pactos antigos, mas é distinto porque Deus não exige nada de Abraão nem lhe impõe condições que são elementos essenciais dos pactos de “aliança” e “tratados de vassalagem” (López, 2003, p. 103).

Nesse capítulo, aparece ainda a informação de que os descendentes de Abraão viverão como “estrangeiros”, portanto, migrantes numa terra que não será a deles e que ali serão oprimidos e escravizados por quatrocentos anos. Aqui, tem-se uma preparação do leitor para o que será narrado no

livro do Êxodo. Esse recurso, em análise narrativa, se chama prolepse e consiste em antecipar ou em contar antes um evento ulterior do ponto de vista da história contada (Marguerat; Bourquin, 2000, p. 159).

Em Gn 26,1-14, temos uma releitura da história de Abrão e Sara no Egito e em Gerara, mas agora os personagens são Isaac e Rebeca (Schwartz, 2016, p. 20). As diferenças são sutis e no quadro geral é o mesmo relato. O texto tem por base Gn 20 com uma referência à fome que vem do capítulo 12. O texto começa informando que houve uma fome na terra e faz uma referência explícita à primeira fome da época de Abraão. Também Isaac dirá que Rebeca é sua irmã, em vez de dizer que é sua mulher.

Em 26,2, diferente do relato de Abraão, o Senhor diz a Isaac em Gerara: “não desças ao Egito” [μὴ καταβῆς εἰς Αἴγυπτον]. E aqui temos novamente a promessa de que aquelas terras seriam dadas a ele e a sua descendência. Cabe a pergunta: sendo Isaac a descendência de Abraão, não deveria já estar de posse da terra? No entanto, ela ainda é promessa a ser realizada muito tempo depois. A descendência de Abraão viverá como estrangeira ainda um tempo. Dt 26,5 é uma espécie de memória de que o povo de Israel é constitutivamente “estrangeiro, migrante” (Konings, 2019, p. 201).

Em Gn 37,2, diz “Eis a descendência de Jacó” e logo começa a história de José. Essa história é ampla e segue até o fim do livro do Gênesis. Este artigo ater-se-á ao que é essencial para a reflexão sobre a temática da migração. Tudo começa com a informação de que José era o preferido de seu pai por ser o filho da velhice. Isso gerou a inveja de seus irmãos que cresce ainda mais quando ele conta os sonhos que teve.

Os irmãos, por inveja, se apoderaram de José e querem matá-lo e, em seguida, dizer ao pai que ele tinha sido devorado por um animal feroz. Rúben intervém para salvar-lhe a vida, mas sugere que ele seja jogado em uma cisterna para depois restituí-lo ao pai. Porém, enquanto comiam avistaram uma caravana de ismaelitas vindos de Galaad. Então, Judá tem a ideia de vender o irmão aos ismaelitas e os outros o ouviram. No v. 28, o texto diz que eles o tiraram da cisterna e o venderam por vinte siclos de prata e “o levaram ao Egito” [κατήγαγον τὸν Ἰωσήφ εἰς Αἴγυπτον].

Ao chegarem ao Egito, os “madianitas” o venderam ao eunuco do faraó chamado Putifar. José se tornou o mordomo de Putifar e por sua causa o egípcio foi abençoado. Em Gn 39,6, o texto informa que José era belo de porte e tinha um rosto bonito. A mulher de Putifar tenta seduzi-lo e ele mais de uma vez a recusa. Esse texto revela a situação de fragilidade dos migrantes frente a pessoas e estruturas de poder.

A história de José continua e, na última recusa, ele precisa fugir nu porque ela o agarrou pela roupa. Com isso, ele é acusado de ter tentado dormir com a esposa de seu senhor e o resultado é que ele vai parar na prisão. Durante o período da prisão, ele interpreta os sonhos dos oficiais do faraó, do copeiro-mor e, por fim, do próprio faraó. Desse modo, José ascende ainda mais, ao ponto de se tornar o administrador de todas as riquezas do Egito.

Em sua estadia no Egito, José se casa e tem dois filhos, antes que chegassem os sete anos de fome previstos por sua interpretação do sonho do faraó. Havia fome em todas as partes, mas no Egito ainda havia pão em todas as regiões. Esse fato gerou a migração de vários povos. Depois a fome chegou também ao Egito e José abriu todos os armazéns de trigo e vendeu mantimentos aos egípcios (41,56).

Em 42,1-2, o texto informa que Jacó ficou sabendo que no Egito havia mantimentos e diz para seus filhos “descerem [κατάβητε] ao Egito” para comprar alimentos. O v. 3 diz que “dez dos irmãos de José desceram ao Egito”. Jacó não permitiu que Benjamin, irmão de José, descresse junto com os outros por medo que também a ele acontecesse uma desgraça a exemplo do que ocorrera com José, ou do que ele pensava ter acontecido com José. Embora a situação seja levemente diferente, porque no caso de José a inveja dos irmãos causou a migração, enquanto o receio de Jacó era que a migração causasse uma

desgraça ao filho mais novo. Isso revela dois aspectos relacionados com o fenômeno da migração: a separação de famílias pode ser a causa ou a consequência da migração.

Quando os irmãos chegam diante de José eles se prostram, exatamente como em seu sonhado (37:7), e José os reconhece imediatamente, mas finge ser estrangeiro [ἄλλοτριῶν] para eles. Esse verbo que é traduzido por “ser estrangeiro” carrega em si a ideia de hostilidade com o de fora. A narrativa é densa e José fala duramente com eles e os acusa de serem espiões na terra Egito. Eles contestam e dizem quem são e que ficaram em Canaã o pai e o irmão mais novo. Com isso, José os faz partir deixando um dos irmãos no Egito por garantia com a promessa de que voltarão trazendo o irmão mais novo para provar que não eram espiões.

Quando retornam para junto do pai, encontram cada um o dinheiro para o pagamento dos mantimentos nas suas sacas e ficam com medo. Eles retornam com o irmão mais novo e a situação se complica porque há todo o enredo para que Benjamin fique no Egito. Depois que José se revela para seus irmãos, a família será reunida no Egito. Em Gn 45,16-20, narra-se o convite do faraó para que os irmãos de José e seu pai venham morar no Egito com a promessa de que a eles será dada a melhor terra para aí se estabelecerem. O faraó envia muitos presentes a Jacó e dá provisões para a viagem de volta a Canaã. Ao saber da notícia, o espírito de Jacó se anima e decide ir ver o filho “antes de morrer”.

Em 46,3, Deus diz a Jacó “não temas descer para o Egito” [μὲ φοβοῦ καταβῆναι εἰς Αἴγυπτον]. Em 46,4, Deus diz que ele descerá ao Egito com Jacó e que o fará voltar a subir. Com isso, o caráter de provisoriedade naquela terra aparece com a promessa de “subir”, ou seja, fazer o caminho inverso: do Egito a Canaã. Eles viverão no Egito como estrangeiros.

O resto da narrativa de Gênesis trata da vida de José e de sua família como estrangeiros na terra do Egito até a morte de José. O livro do Gênesis termina com a retomada da promessa que Deus fizera a Jacó. José diz: “Eu vou morrer, mas Deus vos visitará e vos fará subir [ἀνάγω] deste país para a terra que ele prometeu, com juramento, a Abraão, a Isaac e a Jacó”.

Resumindo: as narrativas das migrações dos patriarcas têm por motivação a fome derivada de condições climáticas naturais. As descidas ao Egito são indicadas pelos verbos “καταβαίνω”, que significa descer, como uma decisão daqueles que migraram e do verbo “κατάγω”, significando levar, no passivo “ser levado” que é o caso de José.

No livro dos Reis e no profeta Jeremias, a descida para o Egito terá outra motivação, não mais a fome, e sim a guerra causará o deslocamento. Em 2Rs 23,34, o texto informa que o faraó Neco, levou a Joacaz para o Egito [εἰσήνεγκεν εἰς Αἴγυπτον] e o verbo usado é εἰσφέρω, que significa “levar”, “introduzir”, “arrancar”.

2Rs 25,26 já é um trecho paralelo ao de Jeremias 43,5-7<sup>1</sup>, pois narram o mesmo fato. Em ambos o verbo utilizado é o εἰσέρχομαι. Porém, em 2Rs aqueles que vão para o Egito o fazem motivados pelo medo dos caldeus. No texto de Jeremias eles também fogem por medo dos caldeus, contudo o profeta é levado contra sua vontade.

Jeremias havia profetizado que o povo deveria permanecer na terra e se submeter ao rei da Babilônia porque ele os iria proteger. No entanto, aqueles “líderes” não acreditaram e fizeram entrar no Egito homens, mulheres e crianças com o profeta.

Quem compartilha a perspectiva de Jeremias é Isaías que em três ocasiões fala da “fuga do povo ao Egito” como um falso caminho, ou uma estratégia malfeita. Em Is 30 e 31 a fuga para o Egito é precedida de “ai”. Esse “ai” é uma forma típica de iniciar uma ameaça profética com a intenção de alertar o povo para

<sup>1</sup> Para análise do Antigo Testamento utiliza-se a versão grega da LXX. Nela esse texto se encontra em 50,5-7.

o risco que correm por causa de suas ações [cf. Hab 2,6]. Enfim, em todos os textos aqui analisados, o verbo utilizado é o καταβαίνω e isso demonstra a ambiguidade simbólica do Egito para Israel.

## Os relatos bíblicos de refúgio

A ocorrência de casos de refugiados no Egito é menor que a de migrantes, de acordo com os relatos bíblicos. Em 1Rs 11, encontram-se duas narrativas de fuga para o Egito que tem toda aparência de textos paralelos como os de Abraão e Sara e Isaac e Rebeca.

1Rs 11,14.16.17.21 (Septuaginta, 2006)

14 E levantou o Senhor um adversário a Salomão [...] Ader, o edomita, da ascendência real em Edom

[Καὶ ἤγειρεν κύριος σαταν τῷ **Σαλωμων** ... καὶ Ἀδερ ὁ Ἰδουμαῖος ἐκ τοῦ σπέρματος τῆς βασιλείας ἐν Ἰδουμαίᾳ]

16 Porque Joab ficou ali seis meses com todo o Israel, até que *eliminou* todos os varões em Edom.

[ὅτι ἕξ μῆνας ἐνεκάθητο ἐκεῖ Ἰωαβ καὶ πᾶς Ἰσραηλ ἐν τῇ Ἰδουμαίᾳ, ἕως ὅτου ἐξωλέθρευσεν πᾶν ἄρσενικὸν ἐκ τῆς Ἰδουμαίας]

17 E fugiu Ader, ele e todos os homens de Edom dos servos de seu pai, para ir ao Egito; era Ader uma criança pequena.

[καὶ ἀπέδρα Ἀδερ, αὐτὸς καὶ πάντες ἄνδρες Ἰδουμαῖοι τῶν παίδων τοῦ πατρὸς αὐτοῦ μετ' αὐτοῦ, καὶ εἰσῆλθον εἰς Αἴγυπτον, καὶ Ἀδερ παιδάριον μικρόν]

21 E Ader escutou no Egito que Davi descansou com seus pais, e que Joab, comandante do exército, estava morto, disse Ader ao Faraó: "Deixa-me voltar para a minha terra".

[καὶ Ἀδερ ἤκουσεν ἐν Αἰγύπτῳ ὅτι κεκοίμηται Δαυιδ μετὰ τῶν πατέρων αὐτοῦ, καὶ ὅτι **τέθνηκεν** Ἰωαβ ὁ ἄρχων τῆς στρατιᾶς· καὶ εἶπεν Ἀδερ πρὸς Φαραῶ Ἐξαπόστειλόν με καὶ ἀποστρέψω εἰς τὴν γῆν μου.]

1Rs 11,26.40 (Septuaginta, 2006)

26 E Jeroboão filho de Nabat o Efraimita filho da mulher viúva Sarira servo de Salomão... E esta foi a razão porque levantou a mão contra o rei Salomão.

[Καὶ Ἰεροβοαμ υἱὸς Ναβατ ὁ Εφραθι ἐκ τῆς Σαριρα υἱὸς γυναικὸς χήρας δοῦλος **Σαλωμων**, ... καὶ τοῦτο τὸ πρᾶγμα ὡς ἐπήρατο χεῖρας ἐπὶ βασιλείᾳ Σαλωμων]

40 e Salomão *tentou matar* Jeroboão,

[καὶ ἐζήτησεν Σαλωμων θανατώσαι τὸν Ἰεροβοαμ,]

E se levantou e fugiu para o Egito para junto de Susakim rei do Egito.

[καὶ ἀνέστη καὶ ἀπέδρα εἰς Αἴγυπτον πρὸς Σουσακιμ βασιλέα Αἰγύπτου]

E estava no Egito até a morte de Salomão.

[καὶ ἦν ἐν Αἰγύπτῳ, ἕως οὗ **ἀπέθανεν** Σαλωμων].



O primeiro narra a fuga para o Egito de um inimigo de Salomão chamado Ader, um edomita da estirpe real. Joab, o general de Davi, após vencer Edom matou todos os seus homens. Por isso, em 11,17 o texto informa que “Ader fugiu para o Egito” [ἀπέδρα ... εἰσῆλθον εἰς Αἴγυπτον].

Nesse trecho aparecem dois verbos importantes: o ἀποδιδράσκω, que se traduz por “fugir”, e o εἰσέρχομαι, que pela preposição εἰς designa o movimento de ida e entrada no lugar. Ader ficará junto ao faraó durante um bom tempo, pois ainda era uma criança quando chega ao Egito. Após a morte de Davi e Joab, ele decide voltar para a terra e, nesse momento, já é um homem casado e com filhos.

Logo em seguida vem a outra narrativa de fuga para o Egito, agora é a vez de Jeroboão se refugiar ali. Ele estava inicialmente a serviço de Salomão, mas depois se revolta contra o rei. Em 11,40, o texto informa que Salomão tentou matar Jeroboão, mas ele fugiu para o Egito [ἀπέδρα εἰς Αἴγυπτον]. Aqui não aparece o verbo εἰσέρχομαι, somente o ἀποδιδράσκω, que significa “fugir secretamente”.

No Novo Testamento, encontram-se dois textos que falam de “idas para o Egito”: At 13,17 e Mt 2,13-23. Em Atos, faz-se uma memória do tempo em que o povo viveu no Egito como estrangeiro ou migrante. O texto traz [ἐν τῇ παροικίᾳ ἐν γῆ Αἰγύπτου] e, pela coerência do texto, deveria ser traduzido “durante sua migração”.

Já o texto de Mateus é a narrativa da fuga para o Egito de José e Maria com Jesus para proteger a vida do filho porque o rei deseja matá-lo uma vez que constituía uma ameaça ao seu poder. Embora esse texto seja construído como uma clara releitura dos textos veterotestamentários, nenhum dos termos utilizados no Antigo Testamento para o deslocamento ao Egito aparece nele. Mateus usa os verbos φεύγω, significando fugir, e ἀναχωρέω, que poder ser traduzido por retirar, partir, voltar etc., em vez dos conhecidos καταβαίνω e εἰσέρχομαι, que se encontram nos relatos do Antigo Testamento.

Vejamos os principais pontos da narrativa mateana da fuga para o Egito da família recém-constituída, conforme o texto grego (Nestle *et al.*, 2022). Aqui, percebe-se uma narrativa estruturada de forma paralela, que revela a estrutura básica do pensamento judaico, o qual se organiza em paralelismos.

A<sup>13</sup> [...] o anjo do Senhor apareceu em sonho a José

B Disse: levanta, toma a criança e a mãe dela

C E foge para o Egito [καὶ φεύγε εἰς Αἴγυπτον], e fica lá até eu te avisar, pois Herodes busca **destruir** a criança [ἀπολέσαι].

D<sup>14</sup> Então levantou, tomou a criança e a mãe dela durante a noite,

E partiu para o Egito [καὶ ἀνεχώρησε εἰς Αἴγυπτον]<sup>15</sup> e estava lá até **a morte** de Herodes [τῆς τελευτῆς]

A<sup>19</sup> Morto [Τελευτήσαντος] Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José no Egito

B<sup>20</sup> Disse: levanta, toma a criança e a mãe dela

C' E parte para a terra de Israel, pois morreram [τεθνήκασι] os que procuravam tirar a vida da criança.

D<sup>21</sup> Então, levantou, tomou a criança e a mãe dela

E' e foi para a terra de Israel [καὶ ἦλθεν εἰς γῆν Ἰσραήλ].

Nesses textos, a fuga para o Egito tem por motivação a estratégia para preservar uma vida ameaçada como aparece nos dois relatos de Reis com os personagens de Ader e de Jeroboão. O mesmo ocorre no texto de Mateus, no qual a vida de Jesus é ameaçada. Se os termos para o deslocamento em nada correspondem com os do Antigo Testamento, o mesmo não pode ser dito quanto à razão para refugiar-se no Egito.

Ao menos um termo é comum aos três textos, ou tem a mesma raiz. Esse é o caso de θνήσκω que é atestado em 1Rs 21 referindo-se à morte de Joab. Uma variação desse verbo aparece em 1Rs 40 referindo-se à morte de Salomão. Nesse versículo, o termo é um verbo composto com a preposição ἀπό e o verbo θνήσκω, ἀποθνήσκω. Em Mt 2,20, volta a aparecer o verbo simples θνήσκω para referir-se à morte daqueles que buscavam a morte de Jesus.

No entanto, nesses textos, existem outras referências à morte nas quais se usam outros termos e alguns eufemismos. Para indicar a morte de Herodes, se usa o verbo τελευτάω (Mt 2,19) e o substantivo derivado dele τελευτής (Mt 2,15). Em Mt 2,13, para indicar o desejo de Herodes de matar Jesus, o evangelista usa o verbo ἀπόλλυμι que significa “destruir”, “fazer perecer”. Em 1Rs 11,21, usa-se o verbo κοιμάομαι, que significa “dormir”, como um eufemismo para “morrer”, indicando a morte de Davi.

Tudo isso indica que o texto de Mateus é construído tendo os relatos de Ader e Jeroboão como transfundo, o que pode parecer estranho já que esses personagens aparecem como inimigos dos personagens “escolhidos” de Deus. Porém, é a estrutura do texto apenas que serve de base para o relato evangélico e isso pode ser verificado tanto pelo uso do verbo θνήσκω quanto pela referência ao tempo passado no Egito: até a morte daqueles que ameaçavam a vida do fugitivo. Também corrobora essa interpretação o fato de que no caso de Ader, ele vai para o Egito quando ainda é criança e ele pertence à realeza. Jesus tem sua vida ameaçada quando ainda é uma criança de colo porque é indicado como “rei dos judeus”. Tanto Ader quanto Jeroboão e Jesus são ameaçados de morte por um rei.

## **Egito versus Canaã/Jerusalém**

Em todos os casos analisados, migração e refúgio, o Egito aparece como lugar privilegiado, embora o povo tenha residido em outros lugares, como Gerara e Canaã. Esta última aparece como o contraponto ao Egito, como a terra almejada e prometida.

Por duas vezes o Senhor promete a Abraão que aquela terra pertenceria a ele (Gn 12,7; 15,18) e a sua descendência, temos duas atestações mais a memória dessa promessa (Gn 13,15; 17,7-8; cf. 24,7). A mesma promessa é reiterada com Isaac (26,3) e, depois, com Jacó (28,4.13; 35,12). O livro do Deuteronômio (Dt 1,21) fará memória dessa promessa. Em todas essas atestações, a terra de Canaã é promessa e nela os patriarcas e seus descendentes residem como estrangeiros, como migrantes.

O Egito aparece de dois modos no Antigo Testamento: como lugar de potência vital, de acordo com os relatos de Gênesis a respeito das migrações por causa da fome e como lugar de opressão segundo o livro do Êxodo. Essa ambiguidade continua em livros posteriores, Reis e Profetas, quando o povo já tomou posse daquela terra e ali residem como “donos”. No livro do Gênesis, o Egito é, sobretudo, um lugar de prosperidade e a primeira opção em caso de necessidade de migração. Em 1Rs, sendo o povo já sedentário, o Egito também emerge como a primeira opção quando há necessidade de refúgio. Isso é um claro indício de duas “tradições” em relação ao Egito: uma mais positiva, enraizada na história dos patriarcas, e outra mais negativa, tendo por base o relato da escravidão no livro de Êxodo.

Essa duplicidade de olhares sobre o Egito aparece nos profetas quando, sobretudo, Isaías e Jeremias alertam os reis tanto do Norte quanto do Sul sobre o perigo de confiar na suposta importância geopolítica

do Egito frente aos ataques das potências estrangeiras e suas coalisões. Canaã guarda a ambiguidade de ser uma terra estranha e lugar de residência provisória do povo escolhido por um longo tempo.

A releitura deuteronomista vai fazer da promessa de posse daquela terra a razão teológica da conquista e o povo de Deus, que sempre esteve na condição de migrante, almeja um lugar de repouso (González Lamadrid, 2000, p. 73). A terra de Canaã se torna o lugar do repouso prometido por Deus. E esse povo vai obscurecendo um aspecto fundamental de sua existência até aquele momento que é a condição de migrante, o nômade que migra de um lugar a outro e seu Deus também nômade que o acompanha em suas andanças. O Egito se torna o símbolo da situação de migrante e Canaã/Israel o símbolo do repouso prometido.

O Egito fica geograficamente abaixo de Canaã/Israel. Em alguns textos, faz-se referência não a partir da delimitação geográfica mais ampla e usam o nome Sião, por causa do monte Sião, para se referir a Jerusalém em razão do templo. Ao Egito, se desce e a Jerusalém/Sião se sobe. Teologicamente, a descida ao Egito representaria o afastamento de Deus, enquanto a subida para Sião, o movimento ao encontro com Deus. Se, em termos de migração e apoio político, o Egito deixa de ser visto como opção, o mesmo não ocorre com os casos de refúgio, pois esse lugar é novamente escolhido, como visto acima, pelo evangelista Mateus na hora de relatar a necessidade de proteção da vida de Jesus. Enfim, pode-se resumir dizendo que o Egito é o lugar de asilo e morada provisória, e a terra de Israel é o lugar almejado, ainda quando ali eles continuavam como migrantes.

## Considerações finais

Na Escritura, a migração acontece por duas razões principais: condições climáticas e guerras. O refúgio por uma ameaça de morte, geralmente movida por um governante ou alguém poderoso. Simplificando um pouco mais, as motivações para migração e refúgio são fome e violência. Essas duas razões são suficientes para motivar as pessoas a deixarem a “segurança” do conhecido e os vínculos afetivos com pessoas e lugares que os ajudaram a formar-se como pessoas, como sujeitos.

Em todas as migrações o caráter de provisoriedade estava presente. Mesmo na terra que foi dada aos patriarcas e sua descendência como promessa, eles residiram a maior parte do tempo como migrantes. A posse da terra mesma pode ser questionada, ainda hoje, por alguns. A ideia de que o povo de Deus é essencialmente nômade, migrante é defendida por exegetas e teólogos, como Benjamin Kokou Akotia que defende uma teologia da diáspora e afirma: “A diáspora é a forma realizada do Povo de Deus” (Akotia, 2023).

Chama a atenção o fato de que, nas narrativas analisadas, apenas uma vez o termo “estrangeiro” vem junto com a noção de hostilidade. Porém, essa única vez é significativa porque diz que José falou rudemente com seus irmãos após dizer que ele “fingiu ser um estrangeiro para eles”. Isso é importante porque muitas vezes os migrantes experimentam essa frieza e dureza da parte das pessoas dos lugares aonde chegam.

A violência é um elemento a ser considerado também sob dois olhares, pois os migrantes podem sofrer nos lugares aonde chegam para residir, como se vê nos relatos de Abraão e Sara, Isaac e Rebeca e José em relação à esposa de seu chefe egípcio. Mas, nos casos de refúgio, a violência é antecedida já que ela é a razão do deslocamento. Na Escritura, aqueles que buscaram refúgio no Egito foram bem recebidos e bem tratados, diferente dos casos de migração. No entanto, os refugiados estão mais expostos à violência em sua saída e chegada, ou seja, em seu país e no país estrangeiro.

Por fim, retomando a ideia aludida acima, é necessário expor o aspecto teológico nas “fugas/idas” para o Egito, marcadas no texto pelos verbos “descer” e “subir”. Isso faz com que o Egito seja o exato

oposto de Canaã/Jerusalém. Para o Egito se desce e para Jerusalém se “sobe”. Um dado geográfico observável tornou-se um símbolo do movimento do povo de Deus que é de subida. Porém, o povo de Deus, na sua condição de escolhido, talvez necessite refletir sobre sua condição essencial de migrante insinuada no termo παροικέω e na condição dos patriarcas de residirem como estrangeiros em Canaã. A dispersão talvez seja a condição essencial do povo de Deus de ontem e de hoje, já que se a Igreja se organiza em paróquias (Konings, 2019).

## Referências

AKOTIA, B. K. Une lecture de Lévitique 1,1-9: L’holocauste de gros bétail. In: DIÁLOGOS ALÉM FRONTEIRAS, 25 abr. 2023. Recife, PE - África do Sul: Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações, 25 abr. 2023 [Conferência].

BALZ, H. R. Παροικέω. In: BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1998. v. II, col. 793-794.

BIBLEWORKS, L. *BibleWorks*. Norfolk: Bible Works, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. 2a ed. São Paulo: Aneas Edições Loyola, 2002.

CNBB. *A Pastoral das Migrações*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983 (Estudos da CNBB).

GONZÁLEZ LAMADRID, A. Historia deuteronomista. In: GONZÁLEZ LAMADRID, A. *et al. História, Narrativa, Apocalíptica*. Navarra: Verbo Divino, 2000. p. 17–216.

HOUAISS, A.; DE MELLO FRANCO, F. M.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa: dicionário eletrônico*. [S. l.]: Objetiva, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=p1G-zwEACAAJ>.

KONINGS, J. “Meu pai era um arameu errante” (Deuteronomio 26,5). *Perspectiva Teológica*, v. 51, n. 2, p. 201–205, 31 ago. 2019. <https://doi.org/10.20911/21768757v51n2p201/2019>.

LÓPEZ, F. G. *El pentateuco: Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*. Navarra: Verbo Divino, 2003. v. 3, (Introducción al estudio de la Biblia).

MALZONI, C. V. *25 lições de iniciação ao grego do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Paulinas, 2021.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Cómo leer los relatos bíblicos: iniciación al análisis narrativo*. Bilbao: Sal Terrae, 2000.

NESTLE, E.; ALAND, B.; ALAND, K.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. M.; STRUTWOLF, H.; INSTITUT FÜR NEUTESTAMENTLICHE TEXTFORSCHUNG (Orgs.). *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2022.

PEREIRA, I. *Dicionário grego-português e português-grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1990.

RAHLFS, A. (Ed.). *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus Editora, 2003.

SCHWARTZ, S. Narrative Toledot Formulae in Genesis: The Case of Heaven and Earth, Noah, and Isaac. *Journal of Hebrew Scriptures*, p. 1-36, 2016. <https://doi.org/10.5508/jhs.2016.v16.a8>.

SKOLNIK, F.; BERENBAUM, M. (Orgs.). *Encyclopaedia Judaica*. 2nd ed. Detroit: Macmillan and Keter Pub. House, 2007. v. 1.

WEIB, K. ἄλλος. BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996. v. I, col. 188-190.

---

RECEBIDO: 11/06/2024  
APROVADO: 15/09/2024

RECEIVED: 06/11/2024  
APPROVED: 09/15/2024